

BRASIL, BÉLGICA, FRANÇA:

pistas para trabalhar a comparação

Copyright © 2019
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

FLORENCE LE CAM

*ReSIC-LaPIJ, Université Libre de Bruxelles / Arènes, Université de
Rennes 1, Bruxelles e Rennes – França*

ORCID: 00000-0002-5550-5167

RESUMO – Este artigo propõe considerar que conduzir comparações internacionais binacionais nos estudos de jornalismo poderia se constituir em fator fundamental de ativação das relações de cooperação entre universidades belgas, brasileiras e francesas. Nesse sentido, este texto desenvolve três pontos: o primeiro retoma a questão da comparabilidade nos estudos internacionais; o segundo detalha as dinâmicas ligadas ao enquadramento teórico e às escolhas metodológicas e propõe a criação de binômios de pesquisa bi ou trinacionais que, trabalhando de forma concertada, poderiam de fato enriquecer as perspectivas nacionais e comparativas de estudo em jornalismo. Finalmente, este texto reforça a importância política e científica da abertura nacional da pesquisa e das práticas dos pesquisadores.

Palavras-chave: Comparação Internacional. Pesquisa Coletiva. França. Bélgica. Brasil.

BRAZIL, BELGIUM, AND FRANCE: avenues for comparison work

ABSTRACT – This paper proposes that conducting binational and international comparisons in journalism studies could be a fundamental element towards stimulating collaborative relations between Belgian, Brazilian and French universities. There are three major points developed in this paper: the question of comparability in international studies; the dynamics of the theoretical framework and the methodological choices; and the creation of binational or trinational research groups that, when working together, could in fact enrich the national and comparative perspectives of journalism study. Lastly, this paper reinforces the political and scientific importance of opening up research and research practices on a national level.

Key words: International comparison. Collective research. France. Belgium. Brazil.

BRASIL, BÉLGICA, FRANÇA: pistas para trabalhar la comparación

RESUMEN – Este artículo propone considerar que realizar comparaciones internacionales binacionales en estudios de periodismo podría ser un factor fundamental para activar las relaciones de cooperación entre las universidades belgas, brasileñas y francesas. En este sentido, este texto desarrolla tres puntos: el primero aborda la cuestión de la comparabilidad en estudios internacionales; el segundo detalla la dinámica vinculada al marco teórico y las escuelas metodológicas y propone la creación de binomios de investigación bi o trinacionales que, trabajando en conjunto, podrían enriquecer las perspectivas nacionales y comparativas del estudio del periodismo. Finalmente, este texto refuerza la importancia política y científica de la apertura nacional de la investigación y las prácticas de los investigadores.

Palabras clave: Comparación internacional. Investigación colectiva. Francia. Bélgica. Brasil.

1 Introdução

O primeiro colóquio intitulado 1st Brazil-France-Francophone Belgium Journalism Research – The Sociocultural Frontiers of Journalism in Brazil and in Francophone Space, que ocorreu em São Paulo, em novembro de 2018, é o fruto de dezenas de anos de trocas, de circulação, de viagens e de reencontros. A história dessas colaborações já foi apresentada por Adghirni e Pereira (2011) em um artigo sobre a experiência da REJ (Rede de Estudos Sobre Jornalismo / *Réseau d'études sur le journalisme*), uma rede de pesquisas que reunia investigadores da Alemanha, Bélgica, Brasil, Canadá, França e México, baseada em trocas entre francófonos e francófilos. Essa rede foi ampliada pela criação, por Fábio Pereira e Zélia Adghirni, do Colóquio Mejor, em 2011, sobre as mudanças estruturais do jornalismo (Moura et al., 2015; Le Cam & Ruellan, 2014). O colóquio permitiu reunir pesquisadores lusófonos e francófonos em torno de temáticas comuns e de se renovar, a cada dois anos, com temas decididos conjuntamente (Mejor, 2013; Mejor, 2015). Duas dinâmicas metodológicas fundamentais à pesquisa em jornalismo também

deram origem, no contexto, a jornadas específicas de estudo: sobre a entrevista (Broustau et al., 2012), sobre as normas dos pesquisadores (Le Cam & Pereira, 2016), sobre a comparação (Anciaux et al., 2017). Essas iniciativas progressivamente substituíram, ou seja, deram sequência, as atividades da REJ, ancoradas em eventos e em uma lógica menos centrada as trocas em francês e mais aberta ao debate entre lusófonos e francófonos.

Essas trocas internacionais em pesquisa também foram trabalhadas por Frisque (2016) em uma apresentação sobre como essas relações levaram à criação do periódico *Sur le journalisme-About journalism-Sobre jornalismo*. Essa revista tri, ou mesmo quadrilíngue, é coeditada por sete editores, belgas, brasileiros, canadenses e franceses e apoiada por diferentes laboratórios e centro de pesquisa (ReSIC e LaPIJ, na Bélgica, Arènes, na França), por agências de fomento (FNRS, na Bélgica) e por universidades (Brasília, Bruxelas, Paris, Quebec), e, há pouco tempo, pela Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo – SBPJor. A ambição da revista é se constituir em um espaço de publicações, de trocas e sobretudo de circulação de artigos escritos nas línguas maternas dos autores, com resumos em três ou mesmo quatro idiomas, visando favorecer a circulação internacional de textos e de ideias.

Todas essas experiências, conduzidas desde o final dos anos 1990, contribuíram particularmente para o encontro entre pesquisadores e o desenvolvimento de colaborações entre dois ou mais investigadores que desejassem trabalhar juntos dentro ou fora dessas redes de estudo. Uma nova pista teve início em 2013, durante o 2º Colóquio Mejor, no qual foram organizadas discussões sobre a comparação internacional: a realização de projetos de pesquisa comparativos. Alguns binômios de pesquisadores se constituíram e começaram a trabalhar (notadamente Le Cam & Pereira, 2017a; 2015), e outros começaram a colaborar (como Gilles Bastin, do Institut Politique de Grenoble, e Jacques Mick, da Universidade Federal de Santa Catarina). Essas práticas tiveram como consequência a constituição, desde dezembro de 2017, de binômios de doutorandos da Université Libre de Bruxelles (Bélgica) e da Universidade de Brasília (Brasil). Assim, dois pesquisadores de nacionalidades diferentes escolhem, conjuntamente, um objeto de pesquisa, trabalham uma problematização comparativa e realizam um estudo empírico e uma análise. Um desses binômios, inclusive, acaba de publicar os primeiros resultados de sua pesquisa neste número da *Brazilian*

Journalism Research (ver Arraes, Malcorps e Moraes). Um segundo seminário de doutorandos está previsto para novembro de 2019 com a apresentação dos resultados finais das pesquisas.

A pista comparativa é, de fato, frutuosa como forma de estruturar e dar vivacidade às relações de cooperação entre pesquisadores brasileiros, franceses e belgas (podendo ser ampliada). Ela permitiu a realização de trocas sobre quadros teóricos, reflexões em comum em torno de métodos, confrontar nossas preconcepções, nossas noções, nossos hábitos de pesquisa, mas também trabalhar e gerir os idiomas habituais de nossas práticas de pesquisa. Na sequência de outros trabalhos de reflexão feitos por pesquisadores sobre a comparação nos estudos em jornalismo (ver Örnebring, 2012; ou Hanitzsch, 2009), este texto dá continuidade às trocas com Fábio Pereira da Universidade de Brasília iniciada há alguns anos¹. Também propõe refletir sobre as comparações tendo como base três elementos centrais, habituais nos estudos comparativos e que serão discutidos à luz dos estudos de jornalismo: a comparabilidade e os níveis de comparação; as dinâmicas de enquadramento teórico e as escolhas metodológicas e, finalmente, a importância política e científica resultante de abertura nacional da pesquisa e das práticas dos pesquisadores.

2 A comparabilidade e os níveis de comparação nos três países

As dimensões dos três países, suas histórias, seus contextos econômicos, culturais, políticos e sociais etc. são tão distintos que tais características impõem evidentemente a questão não apenas da pertinência, mas sobretudo da viabilidade da comparabilidade. Como comparar o jornalismo em um país tão grande como o Brasil, com os seus 145 mil jornalistas em 2012 (Mick & Lima, 2013) e a Bélgica, onde a população é inferior à da Região Metropolitana de São Paulo? Apesar disso, duas vias foram abertas nos últimos anos no que se refere às abordagens comparativas: a primeira remete ao local ocupado pelas grandes enquetes quantitativas, a segunda trata de projetos de pesquisa mais modestos, com ambições mais comedidas, e sobretudo seguindo uma perspectiva qualitativa.

A primeira via é, portanto, aquela das grandes *surveys* quantitativas. Grandes equipes trabalham com temas transversais: o perfil dos jornalistas, o grau de profissionalização, a percepção do

papel social dos jornalistas etc. Nesses casos, a questão da tradução/transposição das categorias de análise ou da criação de variáveis nacionais passa majoritariamente pela constituição de grandes equipes transnacionais que participam das diferentes etapas de pesquisa ou pelo uso de métodos estatísticos suscetíveis de tornar visíveis os resultados de pesquisa e lhes atribuir uma coerência global. Nos estudos de jornalismo, o exemplo prototípico desse tipo de análise é o do projeto *Worlds of Journalism*, dirigido por Thomas Hanitzsch e que acaba de publicar os resultados de sua última edição (Hanitzsch et al., 2019). Essa grande pesquisa internacional é descrita da seguinte forma: “Baseada em um estudo de referência que coletou dados de mais de 27.500 jornalistas de 67 países, *Worlds of Journalism* oferece uma análise inovadora das maneiras como os jornalistas percebem seus deveres, suas relações com a sociedade e o governo, e a natureza e o significado de seus trabalhos”². Os resultados permitem apresentar as diferenças ou similitudes globais, mas também poder escolher comparar alguns países entre si. Contudo, o questionário é evidentemente similar para o conjunto de países e não permite levar em conta certas especificidades nacionais, culturais, políticas ou econômicas. Equipes belgas, francesas e brasileiras participam dessas enquetes.

Outra via de comparação é a desenvolvida mais especificamente no âmbito deste artigo. É a que temos privilegiado nos trabalhos feitos com Fábio Pereira. Tentamos desenvolver uma abordagem mais micro, baseada nos indivíduos jornalistas, suas trajetórias, carreiras e sua inscrição em um contexto histórico e social nacional. Ao final, a abordagem da comparação tornou-se o centro de nosso projeto de pesquisa, pois nos permitiu produzir rupturas epistemológicas com as nossas realidades pessoais, buscando se distanciar de nossas pressuposições e chegar em um certo tipo de “desilusão sociológica” (Mendras, 1995, p. 81), no sentido de se constituir em uma ruptura com um etnocentrismo eventual. Desejamos desconstruir excepcionalidades, desnaturalizar o contexto nacional, associar níveis diferentes de análise. Dois elementos nos parecem ser uma porta de entrada fundamental: o distanciamento de posturas norte-sul na pesquisa e a busca de um nível de comparação que alie, de fato, as formas individuais de conceber a identidade profissional, e o processo de circulação de discursos transnacionais que pode, por sua vez, moldar essas posturas. Trabalhar dessa forma permitiria recentrar e, em alguns casos, descentrar nossos hábitos de pesquisa, trazer um

olhar aprofundado sobre um contexto nacional diferente daquele das nossas pesquisas e, sobretudo, trabalhar níveis de comparação distintos. Assim, cinco níveis são possíveis e permitiriam se constituir em pistas para dar início, e mais tarde complexificar, os estudos comparativos entre a França, a Bélgica e o Brasil.

a) Trabalhar as **circulações transnacionais** de ideias, de formas de fazer, de imaginários que circulem entre os países. Os trabalhos de Guillaume Pinson (2016) sobre as circulações de imaginários midiáticos são percursos nesse sentido: ele analisa como progressivamente, de 1760 a 1936, se constituíram, de Paris a Bruxelas e Genebra, de Montreal a Nova Orleans, passando por Nova York, grandes eixos de circulação de jornais e jornalistas, na origem, portanto, do primeiro movimento de mundialização midiática em sua dimensão francófona. Esse é, portanto, um primeiro ponto possível da dimensão comparativa: compreender como se constituíram eixos de circulação entre o Brasil e a França, a França e a Bélgica e, por que não, entre a Bélgica e o Brasil. Existem formas de produzir o jornal, de conceber a notícia, de viajar e de se encontrar no norte e no sul que podem se constituir na base de vários projetos de pesquisa. Nesse sentido, citamos o trabalho de Ailton Sobrinho, que estudou a influência da França sobre o jornalismo literário brasileiro do século XIX (Sobrinho, 2018).

A segunda forma de perceber as circulações internacionais ecoa os trabalhos de Hassenteufel (2005) sobre a noção de “transferência”. Essa noção é fundamental, pois abre margem para uma concepção do “transnacional” que não é apenas útil a uma perspectiva comparativa, mas também ao estudo de um processo, de uma concepção e de formas de ser e de se fazer jornalismo. Ela permite, por exemplo, buscar descobrir de que forma um saber, em um dado momento e/ou local, foi utilizado para desenvolver o mesmo tipo de saber em outro momento e/ou local (Hassenteufel, 2005, p. 126). Analisar as transferências visa, portanto, privilegiar as razões e as formas pelas quais um saber se desenvolve, e com que intensidade. Hassenteufel também acrescenta pontos de atenção particular para a sociologia dos atores que operam essas transferências, seus modos de recepção de elementos e como são “traduzidos”, bem como a maneira pelos quais esses saberes misturam elementos transferidos aos que já existiam (a hibridação). Hassenteufel explica que “a sociologia dos atores que operam as transferências, e que são

frequentemente atores transnacionais (especialistas de organismos internacionais, altos funcionários internacionais, consultores etc.) se mostra, de fato, necessária para compreender como são difundidos os modelos de ação pública”³ (Hassenteufel, 2005, p. 126). Esses atores transnacionais são produtores importantes de relatos:

Esses relatos possuem uma forma lógica (com início, meio e fim) e são decupados em sequências temporárias que se encadeiam de maneira causal de forma a ficar mais facilmente compreensíveis. Os relatos partem do presente para descrever um ou mais cenários prováveis em função das decisões que devem ser tomadas. (Hassenteufel, 2005, p. 127).⁴

Esses atores internacionais são prolixos em discurso e ação sobre o jornalismo: podemos pensar na World Association of Newspapers and News Publishers – WAN-IFRA (ver a análise de Langonné e Prodhomme, 2014), ou em organizações internacionais anglófonas, como o Pew Research Centre Project for Excellence in Journalism (Pereira & Le Cam, 2018); mas também podem ser outras organizações internacionais como a Federação Internacional de Jornalistas – FIJ e os discursos que ela produziu historicamente durante seus congressos mundiais ou regionais. Essa perspectiva torna-se, assim, um campo de estudo da globalização (Kott, 2011) de certa concepção do jornalismo. A análise das circulações internacionais pode, assim, se debruçar tanto nas representações do jornalismo, a forma como certas práticas foram desenvolvidas (na relação com a técnica, no desenvolvimento de certos gêneros jornalísticos etc.), nos processos que permitem que tais modelos se tornassem referências (as grandes figuras do jornalismo internacional, o desenvolvimento de certos modelos de gestão ou certas formas materiais de organização do trabalho), bem como as formas de se fazer o jornalismo de investigação, o jornalismo literário, o jornalismo televisual, entre outros.

b) Trabalhar **as identidades e as composições dos grupos profissionais**. Em estudos especificamente ancorados na sociologia profissional, é possível comparar os processos de profissionalização, a construção histórica do estatuto legal dos jornalistas, as influências políticas sobre essas definições, a diversidade de atores à margem do grupo profissional e as razões que explicam essa diversidade. Uma abordagem nesse sentido foi conduzida por Le Cam e Ruellan (2004) para tentar desenhar os traços específicos e comparáveis dos processos de profissionalismo, de profissionalização e de constituição

de uma “profissão” de jornalistas no Brasil, na França e no Quebec. Esse ensaio – como indicado no próprio título – buscou reencontrar o lado universal do jornalismo enquanto grupo profissional, e, particularmente, de discutir se esse lado de fato existia. A pesquisa tentava, assim, abrir a perspectiva comparativa a outros problemas de pesquisa, para além dos estudos sobre os valores profissionais e suas implicações sob a prática. Trabalhos sobre os jornalistas europeus (Baisnée, 2003; Bastin, 2003), sobre o jornalismo na França e na Itália (Saïtta, 2006) ou no Brasil e em Portugal (Novais et al., 2013) já existem. Eles poderiam ser continuados ou refinados por meio de análises comparativas mais profundas sobre carreiras, formas de se representar, de pensar o jornalismo, de senti-lo, de vivê-lo. Florian Tixier (2019) utilizou esse caminho para analisar os produtores de notícia europeia. Além disso, uma via específica e um pouco diferente foi adotada nos últimos meses em uma pesquisa nossa sobre a comparação histórica da jurisprudência utilizada na concessão da carteira de imprensa / registro profissional entre a Bélgica e o Brasil. Apesar das diferenças entre os dois países no que diz respeito ao histórico do processo de reconhecimento dos jornalistas, a dinâmica trabalhada nesse estudo se insere no nível da jurisprudência e, portanto, em todas as decisões que foram tomadas regularmente, seja pelo judiciário, no caso brasileiro, seja, no caso belga, por uma comissão composta por jornalistas e empresários da mídia. Ao longo do tempo, nesses dois espaços, as regras de concessão do título de jornalista foram sendo adaptadas ao ambiente movediço do trabalho e das condições de exercício do jornalismo. Outra abordagem, iniciada por Dione Moura e Paula Melani Rocha visa comparar o lugar das mulheres jornalistas em ambientes de trabalho na França, Bélgica e Brasil (Moura et al., 2018). Nesse caso, apesar da existência de similitudes visíveis em termos de segregações verticais e horizontais das mulheres, existem zonas inteiras a serem observadas e sobretudo decorticadas em relação a esses processos, bastante distintos, de feminização da profissão ou das maneiras de conceber o lugar dos homens e mulheres no jornalismo, tanto ao longo dos períodos de estágio, como na evolução individual das carreiras.

c) Trabalhar **as práticas e as condições de trabalho nas empresas midiáticas**. Analisar a precariedade, os modos de inserção e de socialização dos jovens jornalistas, as estratégias organizacionais, gestonárias e socioeconômicas das empresas de

mídia, o lugar do público nas escolhas da organização, as relações com as fontes, com os públicos, com os pares, a integração de novas ferramentas de publicação, o uso das redes sociais, o papel do uso de dados sobre os públicos nas estratégias de marketing são alguns dos trabalhos que poderiam se beneficiar de uma análise comparativa situada em dois ou mais países. Nesse sentido, Arraes et al. (nesta edição) buscam, em uma abordagem comparativa em construção, observar a forma como se estabelecem as relações entre as redações e os departamentos de marketing em duas organizações midiáticas distintas, uma no Brasil e outra na Bélgica. O mesmo acontece no caso de Paulino e Oliveira, que trabalharam em um estudo comparativo sobre o papel dos *ombudsmen*/ouvidores no Brasil e em Portugal (Paulino & Oliveira, 2014).

Ao fazer isso, é necessário definir sobre que deve ser observado (as relações ou papéis que remetem a modalidades culturais específicas?), e tentar não confundir práticas que, sob o mesmo nome, remetem a realidades tão distintas. Essa dificuldade foi um ponto de interesse em um estudo comparativo sobre a identidade dos jornalistas online (Le Cam & Pereira, no prelo). Por exemplo, os respondentes brasileiros, ao narrar seus percursos profissionais, não faziam distinções entre empregos ocupados no setor de mídia daqueles ocupados na comunicação pública ou organizacional. Essa situação se explica pelo estatuto ocupado pelo assessor de imprensa, que foi bastante atrativo para os jornalistas a partir dos anos 1980 – e cuja ocupação foi apoiada pelos meios acadêmico e sindical – e passou progressivamente a ser considerado um trabalho jornalístico pelo meio profissional brasileiro. Ora, a situação é completamente diferente nos contextos francês ou belga onde, mesmo se a mobilidade entre os setores do jornalismo e comunicação aconteça de forma parecida, a situação tende a reforçar um discurso alarmista sobre a mutação do estatuto profissional sobre a precariedade das condições de emprego (os jornalistas devem trabalhar na área de comunicação para poder viver) e desenvolve, assim, um discurso profissional sobre a diferenciação necessária entre as práticas de jornalistas e comunicadores. Assim, comparar as práticas e as formas de entender o trabalho cotidiano do jornalista é uma maneira de se focalizar em um aspecto específico, para ver melhor as diferenças e similitudes em um contexto real, evitando recorrer sempre aos estereótipos ligados à difusão de um modelo de jornalismo ocidental (Mc Mane, 1992).

d) Trabalhar sobre **conteúdo**. Propor comparações sobre as modalidades de tratamento de uma mesma informação, a forma como ela circula, estudar os gêneros específicos, as formas de titulação, as ilustrações e as caricaturas permitem compreender as marcas nacionais e as representações midiáticas locais que contribuem para a produção veiculadas pela mídia. Compreender a produção de notícias falsas, as ferramentas utilizadas, os modos de propagação, os usos dos públicos também são pistas possíveis para trabalhos que poderiam ser realizados entre França, Bélgica e Brasil. Até o momento, poucos exemplos produziram essas comparações de conteúdo. Lisboa e Aguiar (2017) fizeram isso em uma análise sobre os despachos de agência entre o Brasil e a África lusófona. Isso também aparece em trabalhos sobre a cobertura do noticiário brasileiro em jornais de outros países, como fez Golzio (2017), que analisou as modalidades da agenda-*setting* no jornal *El País* no segundo mandato do presidente Lula. Essa pista de pesquisa também foi utilizada por pesquisadores que trabalharam com temáticas particulares, como a midiaticização da violência entre, por exemplo, a França e o Brasil (Macé & Peralva, 2005), ou sobre as representações dos partidos de direita ou de esquerda em uma comparação sobre a imprensa brasileira e francesa nas eleições presidenciais de 2002 no Brasil e de 2007 na França (Ribeiro, 2015). E, enfim, comparações relativamente amplas puderam ser conduzidas no âmbito de programa de pesquisa como, por exemplo, em um trabalho sobre as imagens recíprocas do Brasil e da França (Parvaux, 2019). Esses programas e projetos de pesquisa poderiam ser enriquecidos por uma perspectiva mais centrada nos estudos do jornalismo a trabalharem sobre a produção de conteúdos nas redes sociais ou sobre as modalidades de produção, circulação e de falsificação das notícias falsas pelos jornalistas, saindo um pouco da comparação da cobertura midiática.

Enfim, uma última possibilidade seria comparar os **metadiscursos** sobre o jornalismo (Oliveira, 2016). Quando os jornalistas falam de si e desenvolvem um discurso sobre a profissão, mas também quando outros falam do jornalismo: os políticos, por exemplo, e o discurso crítico que eles proferem há muito tempo sobre os jornalistas e a mídia; o discurso de cientistas sobre as práticas midiáticas e de profissionais da comunicação. Interessar-se pelos *discursos sobre* realçaria os traços históricos e contemporâneos de opiniões e críticas proferidas sobre o jornalismo por uma diversidade de atores a fim de compreender os recursos utilizados pelo discurso crítico sobre o jornalismo e suas eventuais particularidades nacionais – e transnacionais.

3 As dinâmicas do enquadramento teórico e das escolhas metodológicas

Todas essas pistas estão baseadas em um princípio fundamental: evitar justapor pesquisas realizadas sobre objetos similares, esperando, assim, que o cruzamento entre os países seja significativo. É preciso encontrar, ou mesmo imaginar, metodologias que permitam fazer emergir, simultaneamente, as diversidades nacionais (sociais, linguísticas e culturais), associando-as de forma a compreender melhor as aproximações transnacionais.

Mergulhar novamente em textos sobre metodologias de análises comparativas é uma primeira abordagem que reforça uma ideia central seguindo, dessa forma, os princípios de Glaser e Strauss:

(...) a análise comparativa pode, como em qualquer outro método, ser utilizada em unidades sociais de qualquer tamanho. Alguns sociólogos e antropólogos geralmente usam o termo análise comparativa para se referir apenas a comparações entre unidades sociais em escala mais ampla, particularmente organizações, nações, instituições, regiões maiores do mundo. Mas essa referência restringe um método geral usado em uma unidade social de classe específica na qual ele tem sido frequentemente aplicado. Nossa discussão sobre análise comparativa como um método estratégico na geração de teoria permite que esse método adquira uma generalidade mais completa, sendo usado em unidades sociais de qualquer tamanho, grande ou pequena, variando de homens e os seus papéis a nações ou regiões do mundo. Nossa própria experiência recente demonstrou a utilidade desse método em pequenas unidades organizacionais, como enfermarias em hospitais ou aulas em uma escola⁵. (Glaser & Strauss, 2017, pp. 21-22).

Assim, se a comparação é uma perspectiva fundamental para compreender a realidade social, e no caso específico dos estudos de jornalismo, das identidades profissionais, das práticas ou ainda dos ambientes midiáticos, que tipos de abordagens poderiam ser adotadas?

A questão inicial que se coloca diz respeito à escolha do objeto da comparação. Uma primeira modalidade de escolhas remete, assim, à abordagem por estudo de caso. Os trabalhos de Hirschl (2005) em Direito Comparado são esclarecedores nesse sentido. Trata-se, na verdade, de realizar um exame aprofundado e uma confrontação de diferentes casos, integrando-os, toda vez, às dimensões históricas, políticas, econômicas e sociais. Nesse sentido, quatro princípios podem ser aplicados aqui: o princípio dos casos mais similares (“*most similar cases*”) que permite se concentrar em características bastante parecidas e que revelam o ambiente, o próprio objeto de pesquisa

ou uma situação específica. Assim, um estudo comparativo sobre as modalidades de produção da informação durante a Copa do Mundo de Futebol no Brasil entre jornalistas brasileiros, franceses e belgas permitiria observar, em uma mesma situação, uma prática que tem por objeto um mesmo evento e que pode, nesse caso, levar à emergência de diferenças culturais interessantes na forma de cobrir o noticiário esportivo. O segundo princípio vai no sentido oposto e consiste em escolher os casos mais diferentes (*“most different cases”*). Ele pode ser encontrado em uma comparação que analisaria a forma como jornalistas geram e apreendem sua relação com o local de cobertura nos bairros pobres das grandes cidades. Comparar aqui essa prática e essa antecipação da parte dos jornalistas levaria a resultados bastante contrastados entre os três países. O terceiro princípio remete aos “casos prototípicos” (*“prototypical cases”*) que parte dos casos como um atalho para fazer avançar na compreensão de um conceito ou de uma perspectiva teórica. Nesse sentido, os jornalistas políticos brasileiros, franceses e belgas podem servir de base para uma análise das relações associados-rivais que se estabelecem entre os atores da mídia e da política, por exemplo, mesmo se as configurações nacionais, políticas e jornalísticas sejam tão diferentes. Enfim, a técnica dos “casos mais difíceis” (*“most difficult cases”*) visa escolher países onde a configuração é tão diferente que o fato de serem escolhidos é uma forma de testar uma hipótese subjacente à pesquisa. Assim, a título de exemplo, é possível propor uma análise sobre os jornalistas não brancos nos três países, em um contexto em que a questão da diversidade no jornalismo é, para alguns, um assunto relativamente tabu (Bélgica); um tema discutido, mas pouco enfrentado (França); e um dado evidente, mas pouco trabalhado (Brasil⁶). Neste sentido, essa perspectiva se aproxima daquela que permite isolar as variáveis a serem comparadas: os pesquisadores trabalham, assim, cada um em seu país, sobre temas similares e encontram variáveis interessantes porque são bastante diferentes do que eles vão estudar. É ainda possível ir além e escolher casos mais distintos ou exemplos contraditórios que permitiriam testar hipóteses ou intuições (Becker, 2002, p. 319).

Uma segunda maneira de apresentar esse tipo de pesquisa é a realização de monografias (Vigour, 2005; Gueranger, 2012) nacionais sobre um caso específico. Assim, para se beneficiar das vantagens da comparação, cada pesquisador reúne, em um texto, um conjunto de dados relativos a um caso com o objetivo de evidenciar suas

principais características, a evolução a longo prazo dos possíveis laços a serem estabelecidos entre elementos históricos, econômicos, políticos e a particularidade desse caso. A título de exemplo, duas monografias podem, assim, ser redigidas sobre dois veículos de mídia, ou mesmo três, localizados na França, na Bélgica e no Brasil, de forma a destacar elementos fundadores da comparação. Cabe, na sequência, aos pesquisadores a responsabilidade de completar essas monografias com a realização de entrevistas qualitativas, de períodos de observação, ou com a análise de textos (profissionais ou midiáticos). Além disso, é possível desenvolver uma abordagem histórica capaz de cruzar as histórias do jornalismo ou das mídias dos três países.

A terceira modalidade remete à realização de uma pesquisa em comum, por dois pesquisadores (ou mais), originários de nacionalidades diferentes e que trabalhem conjuntamente a partir de uma problematização de pesquisa, conduzindo, em seguida, trabalhos de campo, cada um em seu país, mas a partir de um mesmo referencial teórico e um mesmo protocolo metodológico a partir do qual eles podem estabelecer um amplo debate no decorrer da construção do projeto de pesquisa. Assim, na primeira etapa de uma pesquisa sobre a identidade dos jornalistas on-line no Brasil e na França (2010-2014), foram realizadas 20 entrevistas semiestruturadas com jornalistas, 10 em cada país (Le Cam & Pereira, 2015). O objetivo foi selecionar uma variedade de perfis de jornalistas, buscando encontrar uma correspondência entre características de idade, sexo, estatuto, condições de emprego. Para realizar essas entrevistas, um roteiro comum foi utilizado permitindo que cada pesquisador possa realizar a entrevista em seu contexto nacional. O problema de pesquisa tinha, evidentemente, sido decidido conjuntamente, por meio de uma intuição comum e o cruzamento de referências bibliográficas francófonas, lusófonas e anglófonas. O projeto levou, em seguida, à necessidade de uma série de trocas sobre os contextos midiáticos francófono e brasileiros. A análise dos dados dessa primeira fase foi realizada separadamente, cada um em seu país, e, em seguida, conduzida conjuntamente com o objetivo de perceber as diferentes modalidades de ser e de se pensar como jornalista online na França e no Brasil. Produzimos, assim, os primeiros resultados comparados sobre a representação das carreiras jornalísticas nas duas populações, uma análise da relação desses jornalistas com as fontes e, depois, com os públicos. Essa fase nos permitiu mostrar

processos transnacionais, fazer aparecer similitudes e diferenças entre narrativas, trajetórias e práticas profissionais de jornalistas brasileiros e franceses.

A principal contribuição do projeto é o trabalho em binômio. A construção de binômios interculturais de pesquisa comparativa permite trabalhar de fato em uma abordagem de imersão e de cruzamentos. É o que tentamos realizar com alguns doutorandos da Université Libre de Bruxelles e da Universidade de Brasília. A ideia é oferecer a oportunidade de mergulhar na história do país do outro, na evolução do jornalismo, na história cultural, política, econômica, de se inserir na língua, de entender melhor o ambiente do outro. Fazer pesquisas a dois, constituir binômios, grupos, é tentar, a longo prazo, evitar alguns obstáculos de práticas precoces de comparação:

- Quando cada um trabalha em seu contexto de origem e se confrontam explicações nacionais pela justaposição;
- Quando se confrontam dados produzidos nacionalmente sobre critérios predefinidos sem conhecimento fino do contexto do outro;
- Quando não se faz um procedimento de distanciamento da nossa própria interiorização de convenções e da cultura do nosso próprio país;
- Quando não se compreende a língua do outro e, por consequência, tudo o que isso traz em termos de mistérios e incompreensões.

O trabalho em binômio pode, além disso, ser reforçado – e esta proposição sugere ir mais longe – por um trabalho comum no campo de pesquisa: realizar pesquisas conjuntamente, entrevistas em duo, escrever juntos dominando progressivamente a língua do outro. Uma parte desse processo pode se inspirar em alguns princípios definidos pela perspectiva da Rapid Ethnography (RE) (Le Cam & Pereira, 2017b). Esse método reside na realização de metodologias variadas (entrevistas, observação participante, pesquisa documental, *surveys* e grupos focais) em campos de pesquisa diversos, e realizadas por equipes mistas de pesquisadores locais e estrangeiros (Halme et al., 2016). No caso da RE, realizar coletivamente a investigação é uma forma de atenuar uma falta de tempo ou de recursos necessários para a realização de uma etnografia de longa duração (Kluwin et al., 2004). As condições dessa abordagem podem ser realmente produtivas nesse sentido. Os dois pesquisadores são confrontados a um mesmo relato do respondente, sem o filtro da escrita e da entrevista realizada pelo outro. A situação

da entrevista permite, então, cruzar olhares a partir de pontos de vista nacionais e culturais naturalizados pelos dois pesquisadores em seus espaços territoriais e em todas as fases do processo de pesquisa. Ela autoriza assim uma interrogação direta, em situação, a partir de pontos de questionamento, das perspectivas nacionais e culturais. Mas, isso permite, sobretudo, trabalhar juntos durante todo o processo de geração e de interpretação de dados. É uma forma de dar ou de tomar o tempo de compreensão necessário para ultrapassar o exotismo do outro ou para facilitar a percepção de situações em que a diferença não é aparente. A realização de um projeto de pesquisa completo por um binômio intercultural engendra, assim, um processo permanente de descentramento do olhar nacional em relação ao objeto de pesquisa. Ao fazer isso, essa abordagem permite não apenas responder a uma problematização transnacional, mas autoriza o ajuste constante do conhecimento ao objeto de pesquisa e à sua problematização no decorrer da pesquisa, graças a olhares e perspectivas interculturais. Essa perspectiva nos parece, portanto, uma alternativa original e frutuosa para projetos comparativos que busquem preservar a riqueza de realidades nacionais e a fineza dos elementos a serem comparados, justificando também uma metodologia indutiva e qualitativa.

Evidentemente, um certo número de condições pragmáticas deve ser reunido. Por um lado, os dois pesquisadores devem dominar o idioma da entrevista de modo geral, de forma a facilitar a compreensão do que é dito. Por outro, é necessário encontrar modalidades de financiamento desse tipo de projeto, que possam permitir deslocamentos e estadias relativamente frequentes.

4 Conclusão: a importância política e científica da abertura

Comparar, descentrar, trazer outro olhar, trabalhar nossas próprias convenções, nossas próprias cegueiras em relação aos campos de pesquisa são benefícios que recebemos pelo olhar do outro. Comparar autoriza ver, pelos olhos do outro, o que é surpreendente, parecido, diferente. Construir binômios interculturais na pesquisa comparativa é um engajamento de ordem temporal, relacional, científica e política. Esse engajamento implica que o pesquisador atue em uma atividade que poderia visar agir sobre o mundo social, tanto sobre o mundo dos atores observados (Broqua, 2009), quanto no próprio mundo científico.

Em um momento no qual a pesquisa em Ciências Sociais e, principalmente sobre mídia e jornalismo, pode sofrer, em alguns países, entraves políticos e econômicos como cortes orçamentários, é primordial constituir laços interculturais, transnacionais que permitam a circulação de pesquisadores, a constituição de projetos em comum, a comparação de situações diferentes, de problemas comuns. A pesquisa intercultural cria amizades, laços e, sobretudo, formas de solidariedade recíprocas, interconhecimentos que fundamentam e transformam o olhar frequentemente fechado que temos de nós mesmos, da nossa pesquisa e de nossas perspectivas. Nesse sentido, a comparação, na forma como é pensada aqui, é uma aventura humana e intelectual. Ela é um gesto político e científico.

A pesquisa deve, assim, lidar com três formas de constrangimentos que revelam as dinâmicas relativas ao engajamento do pesquisador e às margens de manobra que ele pode ter.

Por um lado, construir projetos interculturais de comparação é uma forma de questionar as maneiras de se encontrar financiamento de pesquisa. Como evoca Lelubre sobre o sociólogo que

(...) deve ser crítico para adquirir legitimidade e denunciar toda forma de violência simbólica (Mauger, 1995), nossa relação com as autoridades públicas poderia constituir um obstáculo que complexifica todo o trabalho científico. Se a ciência se vê como um contrapoder (Marchat, 2001), ele pode ser independente do Estado. Ora, os fundos que emanam dos poderes públicos são indispensáveis a numerosos centros de pesquisa, universidades e pesquisadores, independente do seu posicionamento inicial. (Lelubre, 2013, p. 17).⁷

Ora, essa oposição poderia ser ampliada e participar para modificar as relações e coconstruir políticas públicas junto aos atores que financiam as pesquisas. É uma pista já explorada por Fábio Pereira que tem criado laços com as embaixadas belga e francesa e que está propondo a criação de um fundo coletivo de financiamento de projetos de pesquisa entre o Distrito Federal no Brasil e a Wallonie-Bruxelles-International.

Por outro lado, as escolhas temáticas e as problematizações formam outra dinâmica. Certas pesquisas de natureza política, ligadas ao gênero ou ainda à história de certos períodos podem ser dificultadas ou deixadas de lado por razões ideológicas. Ao fazer isso, pesquisadores passam a compreender que eles participam do “exercício da pesquisa situando suas preocupações individuais e comunitárias na agenda política” (Anadon, 2013, p. 5).⁸

Podemos dizer mais claramente sobre a necessidade de substituir os debates científicos e metodológicos no âmbito das dinâmicas políticas que reestruturaram e que eles estruturaram em retorno? Nessa perspectiva, a experiência norte-americana dos últimos anos mostra que as orientações metodológicas são, nos dias de hoje, intimamente dependentes das políticas de financiamento da pesquisa na medida em que elas privilegiam abordagens hipotético-dedutivas e a realização de vastas comparações, ameaçando a sobrevivência dos métodos qualitativos (Becker, 2009)⁹. (Gueranger, 2012, online).

É preciso, nesses casos, que a solidariedade internacional participe para dar abertura a problemas de pesquisa que poderiam continuar latentes em certos contextos. Por isso, construir redes de pesquisa transnacionais, organizar manifestações internacionais, centradas em problematizações engajadas (tanto do ponto de vista da realidade social, como das temáticas privilegiadas ou no questionamento das escolhas metodológicas), defender os periódicos não ancorados nacionalmente, mas partilhados por espaços nacionais ou regionais distintos, tudo isso pode se constituir em estratégias produtivas nesse contexto.

Enfim, a formação acadêmica, política e profissional dos doutorandos cobre outra dimensão fundamental de incentivo à promoção da pesquisa comparativa. Essa abordagem, como já dissemos, força a explicar e, portanto, a desconstruir nossos *a priori*, a nos posicionar, nos questionar. Nessa fase de socialização da pesquisa, todos os questionamentos são fundamentais para construir nossas identidades profissionais. Trabalhar em binômio permite, além disso, compreender melhor os ambientes científicos nacionais, ter uma melhor percepção das diversas modalidades de construção da carreira científica, mas também aprender a construir projetos internacionais, a se socializar na busca por financiamentos, a superar as dificuldades ligadas aos problemas de comunicação ou de compreensão. E todas as ações concorrem, assim, para posicionar o doutorando em um ambiente propício à solidariedade, à distância da hiperconcorrência, a posicioná-lo como pesquisador a construir sua rede internacional, com presenças recorrentes nos espaços de publicação ou de comunicação multilíngues. Em um contexto onde o ingresso no mercado de trabalho acadêmico é sempre concorrencial e pavimentado por numerosas injunções (tanto em termos de publicações como de redes de pesquisa) (Frances, 2012), trabalhar em binômio ou em pequenos grupos internacionais em longos períodos, com objetos de pesquisa comuns,

forja outra maneira de considerar a pesquisa comparativa, uma forma mais ancorada, mais aprofundada que aquela que consiste em aparecer, de tempos em tempos, em grandes congressos internacionais; ou a que permite também considerar a perspectiva comparativa como um trampolim para uma carreira.

NOTAS

- 1 Este texto é fruto de trocas que realizamos com Fábio Pereira desde 2013 e o início de um projeto de pesquisa sobre a comparação das identidades profissionais dos jornalistas online no Brasil, na França e na Bélgica. Também foi amplamente inspirado por um curso que dividimos, no segundo semestre de 2017, na Universidade de Brasília, sobre a comparação internacional nos estudos de jornalismo, e uma reflexão que fizemos sobre a prática da entrevista no contexto de um binômio internacional de pesquisadores. Este texto é, portanto, uma produção individual, por um lado, mas também, produzido de forma dialógica, a partir de nossas trocas. Por outro lado, assumo a responsabilidade individual por todas as opiniões aqui expressas.
- 2 Ver: <https://www.worldsofjournalism.org/> No original: “Based on a landmark study that has collected data from more than 27,500 journalists in 67 countries, *Worlds of Journalism* offers a groundbreaking analysis of the different ways journalists perceive their duties, their relationship to society and government, and the nature and meaning of their work”.
- 3 No original: “La sociologie des acteurs opérant des transferts, qui sont souvent des acteurs transnationaux (experts auprès d’institutions internationales, hauts fonctionnaires internationaux, consultants, etc.), apparaît en effet nécessaire pour comprendre comment sont diffusés des modèles d’action publique”.
- 4 No original: “Ces récits ont une forme logique (avec un début, un milieu et une fin) et sont découpés en séquences temporelles qui s’enchaînent de manière causale, afin de les rendre aisément compréhensibles. Les récits partent du présent pour décrire un ou plusieurs scénarios probables en fonction des décisions qui devraient être prises”.
- 5 No original: “(...) comparative analysis can, like those other methods, be used for social units of any size. Some sociologists and

anthropologists customarily use the term comparative analysis to refer only to comparisons between largescale social units, particularly organizations, nations, institutions, and large regions of the world. But such a reference restricts a general method to use with one specific class of social units to which it has frequently been applied. Our discussion of comparative analysis as a strategic method for generating theory assigns the method its fullest generality for use on social units of any size, large or small, ranging from men or their roles to nations or world regions. Our own recent experience has demonstrated the usefulness of this method for small organizational units, such as wards in hospitals or classes in a school”.

- 6 Dione Oliveira Moura conduz atualmente uma pesquisa sobre o lugar ocupado pelas mulheres negras no jornalismo; ela é uma das primeiras a se interessar pelo assunto.
- 7 No original: “se doit d’être critique pour acquérir légitimité et dénoncer toute forme de violence symbolique (Mauger, 1995), notre rapport aux autorités publiques pourrait constituer un obstacle complexifiant tout travail scientifique. Si la science se veut un contre-pouvoir (Marchat, 2001), elle doit pouvoir être indépendante de l’État. Or, les fonds émanant des pouvoirs publics se font indispensables pour de nombreux centres de recherche, universités et chercheurs, quel que soit leur positionnement initial”.
- 8 No original: “l’exercice de la recherche en plaçant leurs préoccupations individuelles et communautaires dans l’agenda politique”.
- 9 No original: “Peut-on dire plus clairement la nécessité de replacer les débats scientifiques et méthodologiques au sein d’enjeux politiques qui les structurent et qu’ils structurent en retour? Dans cette perspective, l’expérience américaine des dernières années montre que les orientations de méthode sont aujourd’hui intimement dépendantes des politiques de financement de la recherche qui, parce qu’elles privilégient les démarches hypothético-déductives et la réalisation de vastes comparaisons, menacent la survie des méthodes qualitatives (Becker, 2009)”.

REFERÊNCIAS

- Adghirni, Z. L., & Pereira, F. H. (2011). A experiência da rede de estudos sobre o jornalismo (REJ). *Brazilian Journalism Research*, 7(2), 25-42. <https://doi.org/10.25200/BJR.v7n2.2011.335>
- Anadón, M. (2013). La recherche sociale et l'engagement du chercheur qualitatif: défis du présent. *Recherches qualitatives, Hors-série*, 14, 5-14. Recuperado de http://www.recherche-qualitative.qc.ca/documents/files/revue/hors_serie/hs-14/RQ-HS-14-Anadon.pdf
- Anciaux, A., Herrmann, J. D., & Guazina, L. (2017). Études comparatives sur le journalisme, les médias et la politique. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 6(2), 4-11. Recuperado de <https://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/313>
- Bainée, O. (2003). Un impossible journalisme européen. *Hermès, La Revue*, 35(1), 145-151. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2003-1-page-145.htm>
- Bastin, G. (2003). L'Europe saisie par l'information (1952-2001): des professionnels du journalisme engagé aux content coordinators. *Cahiers Politiques*, 19-41.
- Becker, H. S. (2002). *Les ficelles du métier: comment conduire sa recherche en sciences sociales*. La découverte.
- Broqua, C. (2009). L'ethnographie comme engagement : enquêter en terrain militant. *Genèses*, 75(2), 109-124. <https://doi.org/10.3917/gen.075.0109>
- Broustau, N., Jeanne-Perrier, V., Le Cam, F., & Pereira, F. H. (2012). L'entretien de recherche avec des journalistes Propos introductifs. *Sur le journalisme-about journalism-sobre jornalismo*, 1(1), 6-12. Recuperado de <https://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/16>
- Frisque, C. (2016). Les SIC dans les recherches sur le journalisme au sein d'un laboratoire pluridisciplinaire, issu de la science politique. *Revue française des sciences de l'information et de la communication*, (9). <https://doi.org/10.4000/rfsic.2457>
- Frances, J. (2012). Portrait du doctorant en entrepreneur. *Mouvements*, 71(3), 54-65. <https://doi.org/10.3917/mouv.071.0054>
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (2017). *Discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Routledge.
- Golzio, D. G. (2017). Brazil in Spain: Agenda-setting in the Newspaper El País during President Lula da Silva's Second Government Term. *Brazilian Journalism Research*, 13(3), 146-161. <https://doi.org/10.25200/BJR.v13n3.2017.335>

org/10.25200/BJR.v13n3.2017.998

Gueranger, D. (2012). La monographie n'est pas une comparaison comme les autres. *Terrains travaux*, 21(2), 23-36. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-terrains-et-travaux-2012-2-page-23.htm>

Halme, M., Kourula, A., Lindeman, S., Kallio, G., Lima-Toivanen, M., & Korsunova, A. (2016). Sustainability Innovation at the Base of the Pyramid through Multi-Sited Rapid Ethnography. *Corp. Soc. Responsib. Environ. Mgmt.*, 23: 113-128. <https://doi.org/10.1002/csr.1385>

Hanitzsch, T. (2009). *Comparative journalism studies*. In K., Wahl-Jorgensen & T., Hanitzsch (Orgs.), *The handbook of journalism studies*, (pp. 413-427). Routledge.

Hanitzsch, T., Hanusch, F., Ramaprasad, J., & de Beer, A. S. (Orgs.). (2019). *Worlds of journalism: Journalistic cultures around the globe*. Columbia University Press.

Hassenteufel, P. (2005). De la comparaison internationale à la comparaison transnationale. *Revue française de science politique*, vol. 55(1), 113-132. doi:10.3917/rfsp.551.0113.

Hirschl, R. (2005). The question of case selection in comparative constitutional law. *The American Journal of Comparative Law*, 53(1), 125-156.

Kluwin, T. N.; Morris, C. S., & Clifford, J. (2004). A Rapid Ethnography of Itinerant Teachers of the Deaf. *American Annals of the Deaf*, vol. 149 no. 1, 62-72. <https://doi.org/10.1353/aad.2004.0012>

Kott, S. (2011). Les organisations internationales, terrains d'étude de la globalisation. Jalons pour une approche socio-historique. *Critique internationale*, 52(3), 9-16. <https://doi.org/10.3917/crii.052.0009>

Langonné, J. & Prodhomme, M. (2014). The WAN-IFRA discourse: advice, application, and disqualification of organisational models in media. *Brazilian journalism research*, 10(1), 24-39. <https://doi.org/10.25200/BJR.v10n1.2014.624>

Le Cam, F. & Pereira, F. H. (No Prelo). *Un journalisme en ligne mondialisé; Socio-histoire comparative/ Um jornalista on-line mundializado: Socio-historia comparativa*. Originais em via de finalização.

Le Cam, F. & Pereira, F. H. (2017a). A comparação da identidade dos jornalistas online em suas relações com os públicos no Brasil e na França. *Observatorio (Obs*)*, 11(1), 60-82. <https://doi.org/10.15847/obsOBS1102017868>

Le Cam, F., & Pereira, F. H. (2017b). *Enjeux de l'entretien interculturel de recherche en études du journalisme*, communication présentée lors du séminaire interne Arènes, Rennes.

Le Cam, F., & Pereira, F. (2016). Interroger les normes des chercheurs en journalisme. Introduction. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 5(2), 16-20. Recuperado de <https://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/263>

Le Cam, F., & Pereira, F. H. (2015). Understanding journalists? paths: a study of biographic narratives from web journalists. *Transnational Words of Power Journal*, 1(1), 158-176.

Le Cam, F., & Ruellan, D. (2004). Professionnalisme, professionnalisation et profession de journaliste au Brésil, en France et au Québec : un essai de comparaison. In J.-B., Legavre (Org.), *La presse écrite : objets délaissés* (pp. 53-69). Paris: L'Harmattan. (Logiques politiques).

Le Cam, F., & Ruellan, D. (2014). *Changements et permanences du journalisme*. Paris: L'harmattan.

Lelubre, M. (2013). La posture du chercheur, un engagement individuel et sociétal. *Recherches qualitatives*, 15-28. Recuperado de http://www.recherche-qualitative.qc.ca/documents/files/revue/hors_serie/hs-14/RQ-HS-14-Lelubre.pdf

Lima, S. P., & Mick, J. (2013). Sindicalização e identidade política dos jornalistas brasileiros. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 10(1), 4-24.

Lisboa, J. C., & Aguiar, P. (2017). News Circulation in the Portuguese-Speaking Space: News Exchange between News Agencies of Brazil and Lusophone Africa. *Brazilian Journalism Research*, 13(3), 12. <https://doi.org/10.25200/BJR.v13n3.2017.1011>

Macé, E., & Peralva, A. (2005). Jacobinisme vs. industrie culturelle médiatisation de la violence en France et au Brésil. *Cultures & conflits*, 59(3), 47-85. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-cultures-et-conflits-2005-3-page-47.htm>

Mc Mane, A. A. (1992). Vers un profil du journalisme. *Reseaux*, 51(1), 67-74. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-reseaux1-1992-1-page-67.htm>

Mejor (2013). *Atas do II Colóquio Internacional Mudanças Estruturais do Jornalismo*. Recuperado de https://surlejournalisme.com/wp-content/uploads/2014/01/Atas_Mejor_FINAL1.pdf

Mejor (2015). *Anais do III Colóquio Internacional Mudanças Estruturais do Jornalismo*. Recuperado de <http://mejor2015.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2015/05/merged-51.pdf>

Mendras, H. (1995). *Éléments de sociologie*. Paris: Armand Colin.

Moura, D. O., Pereira, F. H., & Adghirni, Z. L. (Orgs.). (2015). *Mudanças e permanências do jornalismo*. Florianópolis: Insular.

Moura, D. O., Rocha, P. M., Damian-Galliard, B., & Le Cam, F. (2018). Gender intersectionality and horizontal and vertical concentration of women journalists in Brazil, France and Belgic Francophone's journalism. An introduction to the problem. In *1st Brazil-France-Francophone Belgium Journalism Research Conference: The Sociocultural Frontiers of Journalism in Brazil and in Francophone space*. São Paulo: 12-13 Novembro de 2018. Recuperado de <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/BFFB/BFFB2018/paper/view/1053>

Novais, R. A., Moreira, S. V., & Silva, L. (2013). Companheiros de armas? Uma comparação dos mundos jornalísticos português e brasileiro. *Brazilian Journalism Research*, 9(1), 76-97. <https://doi.org/10.25200/BJR.v9n1.2013.501>

Oliveira, M. (2016). Metajornalismo: do discurso normativo à autorreferencialidade como condição ética. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 5(2), 32-43. Recuperado de <https://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/254>

Örnebring, H. (2012). Comparative Journalism Research – An Overview. *Sociology Compass*, 6/10, p.769–780 <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2012.00493.x>

Parvaux, S. (2019). *Images Réciproques du Brésil et de la France: actes du colloque organisé dans le cadre du projet France-Brésil*. Éditions de l'IHEAL.

Paulino, F. O., & Oliveira, M. (2014). Ombudsman em veículos de comunicação do Brasil e de Portugal: reflexão sobre atividades desenvolvidas entre 1989-2013. *Brazilian Journalism Research*, 10(1), 64-81. <https://doi.org/10.25200/BJR.v10n1.2014.585>

Pereira, F. H., & Le Cam, F. (2018). A retórica das mudanças: a circulação internacional de discursos sobre o jornalismo on-line. In J. Colussi, F. Gomes-Franco e Silva, & P. Melani Rocha (Orgs.), *Periodismo ubicuo: convergencia e innovacion en las nuevas redacciones* (pp. 111-134). Bogota: Editorial Universidad del Rosario.

Pinson, G. (2016). *La culture médiatique francophone en Europe et en Amérique du Nord*. Saint Fois: Presses de l'Université Laval.

Ribeiro, M. P. (2015). «Droite» et «gauche» dans les discours d'un événement électoral. *Une étude sémantique et contrastive des presses brésilienne et française: les élections présidentielles de 2002 au Brésil et de 2007 en France* (tese de doutorado), Sorbonne Paris Cité.

Saitta, E. (2006). *Les transformations du journalisme politique depuis les années 1980: une comparaison France/Italie* (Doctoral dissertation, Rennes 1). Libera università di lingue e comunicazione IULM, Itália.

Sobrinho, A. P. R. (2018). Brazilian Journalism in the 19th Century: A History of the French Influence and of the Beginning of Journalistic-Literary Relations. In *1st Brazil-France-Francophone Belgium Journalism Research Conference: The Sociocultural Frontiers of Journalism in Brazil and in Francophone space*. São Paulo, novembro de 2018. Recuperado de <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/BFFB/BFFB2018/paper/view/1033>

Tixier, F. (2019). *Incarner l'Europe par et dans les médias. Les militants d'information européenne et la construction d'un monde transnational du journalisme européen* (tese de doutorado). Université libre de Bruxelles.

Vigour, C. (2005), *La comparaison dans les sciences sociales. Pratiques et méthodes*, Paris, Édition La Découverte, collection Repères.

FLORENCE LE CAM. Professora de jornalismo na l'Université Libre de Bruxelles (ULB). Corresponsável pelo Laboratório de Práticas e de Identidades Jornalísticas (ReSIC-ULB, Bélgica) e pesquisadora no Arènes (Université de Rennes, França), ela conduz trabalhos sobre as identidades profissionais, sobre a materialidade do trabalho jornalística e sobre a socio-história do jornalismo belga. Realiza pesquisas comparativas com Fábio Pereira sobre o jornalismo brasileiro, francês e belga desde 2013. E-mail: flecam@ulb.ac.be